

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

SÔNIA MARIA R. P. TOGIWUDO

MANO E TORO: DANÇAS TRADICIONAIS DO POVO BORORO

**Barra do Bugres
2016**

SÔNIA MARIA R. P. TOGIWUDO

MANO E TORO: DANÇAS TRADICIONAIS DO POVO BORORO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T645m TOGIWUDO, Sônia Maria R. P.

Mano e Toro: danças tradicionais do Povo *Bororo* / Sônia Maria R. P. Togiwudo. – Barra do Bugres, 2016.

41 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz.

1. Povo *Bororo*. 2. Danças Tradicionais. 3. Cultura. I. Cruz, M. C. da, Dra. II. Título. III. Título: danças tradicionais do Povo *Bororo*.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

SÔNIA MARIA R. P. TOGIWUDO

MANO E TORO: DANÇAS TRADICIONAIS DO POVO BORORO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Graduada em Línguas, Artes e Literatura.

Barra do Bugres, 28 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz
Professora Orientadora

Prof.^a Dr.^a Claudia Landin Negreiros
Professora Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Waldinéia A. de Alcântara Ferreira
Professora Avaliadora

**Barra do Bugres
2016**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao DEUS criador do mundo, que é o nosso Pai do céu, por me dar saúde, sabedoria, fortaleza para ser perseverante nesta longa jornada de estudos. Ele sempre nos protegeu e nos iluminou nesta jornada de trabalho, quanto aos nossos estudos na Faculdade Intercultural realizada na UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário René Barbour, em Barra do Bugres.

Agradeço os Reitores, Coordenadores e aos Professores da UNEMAT que também se dedicaram e se empenharam para que os seus trabalhos fossem positivos aos acadêmicos indígenas.

Agradeço, especialmente, a minha orientadora prof. Dra. Mônica Cidele da Cruz, por me orientar neste meu trabalho de conclusão do curso.

Agradeço à FUNAI por nos ajudarem nos deslocamentos das referidas aldeias para o local do curso em Barra do Bugres.

Agradeço a toda a minha comunidade *Boe-Bororo* da Aldeia Córrego Grande, por ter uma cultura rica e por fazer parte dela.

Agradeço, especialmente aos nossos guerreiros anciãos e mestres da nossa cultura Bororo, pois estes são os nossos espelhos nas referidas tradições executados para toda a nossa comunidade indígena Boe-bororo.

Agradeço a minha família, especialmente, aos meus filhos: Bruna Maria, Brenno Wensder e Brenner Bryan que sonharam com este momento de conclusão do curso e aos meus pais por me ensinarem a viver e trilhar um caminho reto e digno.

Agradeço ao meu esposo Bruno Tawie pela ajuda nos momentos mais difíceis, pela compreensão e incentivo de sempre para uma qualificação ampla e, ao mesmo tempo, retribuir a nossa comunidade Boe-Bororo com a minha aprendizagem adquirida.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de registrar duas danças tradicionais Bororo, denominadas *Mano* e *Toro*. Além disso, fortalecer o conhecimento dos nossos jovens para não ficar no esquecimento das nossas futuras gerações. O motivo de escolher este tema foi o fato de outras aldeias Bororo não praticarem mais essas danças tradicionais. Ao realizar este trabalho, contei muito com o apoio dos nossos anciãos da aldeia Córrego Grande, o senhor Joaquim Batista Burudui e o senhor José Américo Rubugu, mestres e conhecedores da cultura Bororo. Então, tendo um olhar preocupado diante dessa situação foi que surgiu o presente trabalho, que servirá de subsídio para a Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru*. A minha esperança com essa pesquisa é fazer com que a comunidade, por meio da escola, perceba a grande importância dessas danças e cantos para a cultura do nosso povo *Boe-Bororo*.

Palavras-chave: Funeral Bororo. Danças tradicionais. Cultura.

RESUMO NA LÍNGUA BORORO

Awu imaragadae ure pobe, ereru taboboe iere Mano e Toro Boe-Bororo erore jiboe kodire umode paerudiware jiboe rakado awu kodure maiwu pagore ewiagodu kawo piji awu ričodugodureuge Boe-bororo. Ire awu imaragadae mugudo woe, ia paobe eda eragoja keje nowu parore jiboe ukare, akedure. Pagi parore jiboe pagagore jiboe, pagedu rakawoji, paetu rakawoji okwa kawo, akedu kawo, aino: pamagore jiboe, pamaragodure jiboe, pamearudaere jiboe, pagoe batadaere jiboe, pago roía pago bakaru kodure jiboe. Awu imaragadae ire towuje ipopere kejewugere awu pagimejerage rakojeere woe paeda paragoja Korogedo Paru kejewuge pagimejerage: Joaquim Batista Burudui metuia iere, José Américo Rubugu joruduiwarewuge aimoré ere woe pawororo keje. Ire ioku tugu imorora magadure, parore jiboe pagagore jiboe akedugodure. Kodire ire awu imaragadae towuje aino awu pago bapera bai iere Escola Estadual Indígena Korogedo Paru. Ire imearudae akurudo awu imaragadae tabo pawogai mato, padugugoduwo paedu kurire awu parerure jiboe, paragodure jiboe otoi, aimoré ure Boe-bororo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIS	Agente Indígena de Saúde
AISAN	Agente Indígena de Saneamento
DR	Delegacia Regional
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
PIN	Posto Indígena
PPP	Projeto Político Pedagógico
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
TCC	Trabalho de Conclusão do Curso
TI	Terra Indígena

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Jovens indo tirar Buriti.....	20
Figura 2 –	Primeira momento da dança do mano.....	24
Figura 3 –	Segundo momento da dança do mano.....	25
Figura 4 –	Terceiro momento da dança do mano.....	25
Figura 5 –	O uso das tangas <i>Toro</i>	30
Figura 6 –	Mulheres abanando os homens durante a dança do <i>Toro</i>	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – SOBRE O POVO BORORO	13
1.1 Organização Social	16
CAPÍTULO II – O FUNERAL BORORO: CANTOS E DANÇAS	18
2.1 Canto do <i>Mano</i>	20
2.2 O canto do <i>Toro</i>	26
2.3 Com a palavra os anciões... ..	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	36
CONSULTOR NATIVO.....	36
ANEXO.....	37
ANEXO A – ENTREVISTA COM O ANCIÃO	38

INTRODUÇÃO

Segundo Bordignon (1987), Bororo é o nome dado pela população branca à nação indígena que hoje se encontra espalhada em pequenas aldeias, na faixa sul do atual estado de Mato Grosso e que antigamente dominava grande parte do Centro-Oeste brasileiro. A palavra Bororo significa pátio, praça, aldeia. Embora sejamos conhecidos como Bororo, nós nos autodenominamos *Boe* (gente, pessoa). Porém, aceitamos o nome já consagrado na língua nacional e por outras línguas. Aqui neste trabalho, seguirei o mesmo critério.

Escolhi este tema por ser muito importante para mim e para o meu povo. Ao longo da história do nosso povo, as danças sempre estiveram presentes nos funerais, mas atualmente a tradição do funeral Bororo, em algumas aldeias, não é mais praticada. São vinte danças, a saber: *Tamigi doge – Mano – Toro Kigadureu – Toro Coreu – Parabara doge – Bokororo – Itubore – Aere doge – Bureikabeo – Buturori – Kaiwo – Boeru Kiari doge – Koge Coreuge – Tudoe Kurugugoe – Jugo doge – Aroeêba doge – Bokuwojeba – Marido – Ipare Ereru Jure – Rerua*.

Por isso, realizei esta pesquisa sobre as danças tradicionais da cultura, para ficarem registradas e, também, para o fortalecimento e valorização da nossa cultura. Como são muitas, neste trabalho registrei somente duas danças que são realizadas no início do ritual: *mano* e *toro kigadureu*. Esta pesquisa é importante para que os conhecimentos não se percam e, também, para ficar disponível às futuras gerações do meu povo Bororo. A ideia surgiu quando percebi a necessidade de valorizar nossa cultura e as nossas tradições, para que os conhecimentos não fiquem no esquecimento das futuras gerações da etnia Bororo.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi registrar e valorizar a cultura Bororo na beleza de sua língua e seus rituais, dando assim, continuidade ao processo de revitalização cultural, tendo em vista que muitas aldeias não praticam mais esse ritual. Quero, assim, dar uma pequena contribuição ao processo de construção da nossa identidade, valorizando nossa cultura tradicional, como garantia de nossa existência enquanto etnia. Como objetivos específicos busquei descrever os significados de duas danças e dois cantos presentes no início do ritual Bororo, para entender porque essas danças são realizadas somente nos funerais, e refletir sobre a importância do *Boe Ereru* para a cultura do nosso povo.

As danças tradicionais, mencionadas acima, são proclamadas e realizadas nos funerais Bororo e são programadas junto com dois responsáveis: o ancião da cultura e o responsável da alma do falecido. Estes planejam coletivamente com os rapazes cada evento de dança tradicional, onde os homens e mulheres participam da dança.

Quando a aldeia está de luto, essas danças são praticadas com muito respeito e muita devoção. As famílias de alguém que faleceu escolhem uma pessoa que se responsabiliza pela alma daquele falecido. Então essa pessoa indicada faz uma grande mobilização, juntamente com o cacique da aldeia, rapaziadas e os anciões da cultura, para promoverem a caçada das almas, pescaria das almas, banquete das almas, e realizações dessas danças tradicionais do funeral.

Todos (homens e mulheres) participam do canto para caçada, pescaria, banquete das almas e danças tradicionais. A duração dos cantos é de aproximadamente uma hora para cada um deste evento.

A caçada e a pescaria das almas são realizadas da seguinte forma: os anciões da cultura tradicional, juntamente com o representante do falecido, mobilizam-se com os homens e os rapazes para proclamar uma caçada no período do funeral. Na casa central dos homens, *Aroe Ewai* (a casa das almas), significa também *baito*. Ao entardecer, esses homens reúnem-se para escolher um determinado local como: mata floresta ou cerrado para fazer uma caçada. As pessoas que têm sorte com a caça entregam a caça para alguém, como parente do falecido que recebe a caça e a leva para a aldeia.

A caçada tem como finalidade abater uma onça que deverá servir de *mori*, vingança ou recompensa, pela morte do falecido.

Assim que chegam à aldeia, a família do falecido prepara a caça e manda para o *baito*, a casa central das almas, onde está a pessoa que matou a caça, para ser consumida com a sua família.

A pescaria das almas (*Aroe*) é a mesma forma da caçada e significa homem ou pessoa que representa o falecido aqui na terra. Assim que os homens (*Aroe*) chegam da caçada ou da pescaria, todos eles se apresentam no *baito* (Casa das almas).

As famílias daqueles Bororo que já faleceram há muito tempo, também mandam para o *baito*, frutas silvestres e mingau adquiridos pelas mulheres. Assim é feito o trabalho dos homens e mulheres Bororo, referente à pescaria das almas.

No banquete das almas, todos os homens se juntam no *baito*, para realizar o canto ao entardecer, todos participam do canto, homens e mulheres. Por este motivo, todos dispensam os seus afazeres para interagirem coletivamente.

No dia seguinte, todos os homens que representam as almas dos falecidos permanecem na casa central das almas (*baito*). Eles permanecem no *baito* o dia inteiro, até às quinze horas.

As mães das almas buscam e preparam frutas silvestres, mel de abelhas e mingau ou bolo de milho e arroz, entre outros alimentos, para mandar para as almas. Assim é feito o banquete das almas dos Bororo, rituais que fazem parte do funeral.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizei entrevistas com os anciões da aldeia Córrego Grande, o senhor Joaquim Batista *Burudui*, pertencente ao subclã *Aroredo*, chefe da cultura tradicional do povo Bororo.

Entrevistei também o ancião da aldeia Córrego Grande, o senhor José Américo *Rubugu*, do subclã *Iwagudgedu*, conhecedor da cultura do povo Bororo. Este tem a idade de 80 anos, fala pouco a língua portuguesa e fala mais na língua materna.

A entrevista foi na casa de cada um, onde os anciões ficaram à vontade durante a gravação. Depois de terminar a entrevista, transcrevi para a língua portuguesa as suas falas na língua materna.

Essas pessoas foram entrevistadas porque são conhecedores da cultura tradicional do nosso povo Bororo e, ao mesmo tempo, todos os processos tem a participação viva deles no momento do evento, pois os anciões são conhecedores e mestres da nossa cultura.

Assim foi realizada esta pesquisa sobre *Boe Ereru*: danças tradicionais, em parceria com a comunidade indígena, a escola, professores e alunos.

Vale ressaltar que a nossa comunidade Bororo da aldeia Córrego Grande ainda preserva este costume tradicional da dança, inclusive, está assegurado no projeto Político Pedagógico da nossa Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru*. A morte do ser humano é imprevisível, ninguém sabe quando morre alguém do nosso povo. Geralmente no período de funeral, a sua duração é de aproximadamente três meses, ocasião em que são realizadas várias danças culturais do nosso povo. Quando vamos realizar alguns eventos das danças, deixamos de lecionar para acompanhar os nossos alunos e avaliar as suas práticas tradicionais. Também somos avaliados pela nossa comunidade, pois querem saber se estamos praticando juntamente com os nossos alunos. Os docentes indígenas Bororo da nossa aldeia praticam muito esses rituais, pois somos exemplos para os nossos alunos. Assim exigimos deles que pratiquem e utilizem os seus enfeites originais e pinturas corporais de seus respectivos subclãs.

Dessa forma, para uma melhor organização deste trabalho, ele está assim estruturado: no primeiro capítulo, apresento informações históricas, sociais e culturais sobre os Bororo, língua materna e organização social. No segundo capítulo, o funeral Bororo: cantos e danças, o canto do *Mano* e do *Toro* e também um pouco da dança.

CAPÍTULO 1 – SOBRE O POVO BORORO

Com base em informações retiradas do livro, “os Bororo na História do Centro-Oeste Brasileiro 1716 - 1986, de Mario Bordignon Enaureu (1987), o termo Bororo foi usado pelos primeiros exploradores para identificar os membros da etnia. Outros nomes apareceram, ao longo da história, como Coxiponé, Araripoconé, Araés, Ikuiapá, Coroados, Porrudos, Bororo Aravirá ou Bororo da Campanha, Bororos Cabaçais, Bororos Ocidentais...

De acordo, ainda, com Bordignon, eles denominam-se a si mesmo como *Boe*, que quer dizer índios *Bororo*. Os de outros indígenas e os invasores ocidentais não são *Boe*. São *Barege*, que significa animais.

Quando os primeiros exploradores entraram em contato com os Bororo, ao ouvirem os cantos dos índios, perceberam a repetição frequente da palavra Bororo que, às vezes, forçada pelo ritmo da música, era pronunciada Bororo. Esse fato gerou o nome da etnia, até hoje denominada pelos não índios de Bororo. (BORDIGNON, 1987)

Sobre a origem do povo, nada se sabe com certeza e nada se pode deduzir de suas lendas. Estudiosos, como Tonelli (1716), supõem que tenham vindo do Rio Negro, passando pela Bolívia. Riveta (1726) afirma que teriam vindo da Bolívia. São linguisticamente emparentados com os *Otukê*, agora extintos. Além disso, existiam, nessa região, índios, como os *Matacos* e os *Chiriguanó*, que tinham adornos parecidos com os dos Bororo.

Segundo Couto Magalhães (1718, p.94) “a nação Bororo, que está subdividida em algumas tribos, ocupa área de 48 milhões de hectares”. Essa área estendia-se, deste um pouco além da divisa com a Bolívia, a Oeste, até além do rio Araguaia ao Sul de Goiás, alcançando o Triângulo Mineiro, ao Leste. Desde as cabeceiras do rio Cuiabá e rio das Mortes, ao Norte, até as dos rios Coxim e Negro ao Sul.

Bordignon (1987) explica que antes da chegada dos bandeirantes, havia vários grupos que poderíamos dividir assim: os da bacia do rio Cuiabá, também chamados *Coxiponês*, nome derivado do rio Coxipó, afluente do Cuiabá. Os da bacia do rio São Lourenço, também denominados Porrudos. E, ainda, segundo o autor, os que moravam no alto do rio das Mortes, na bacia do rio das Garças e nos dois lados do alto rio Araguaia.

Ainda vivem na aldeia *Meruri*, uma velhinha Bororo chamada Anita, nascida em Goiás, e algumas Bororo, filhas de pais também oriundos de Goiás. Os do Sul, os da Serra de São Jerônimo e os dos rios Taquari e Coxim. Os da margem direita dos rios Paraguai e Jauru, também denominados de Araviarás ou Bororos da Campanha. Os do rio Cabaçal, perto de Cáceres, apelidados de Cabaçais.

Além desses grupos, dos quais se tem notícias, provavelmente havia outros. É difícil fazer um cálculo do número de Bororo, antes da chegada dos bandeirantes. Alguns autores, como Couto Magalhães, Virgílio Corrêa e Roquete Pinto apontaram cerca de 10.000 índios.

Atualmente, a população Bororo é de aproximadamente 1.817 e está distribuída em onze aldeias, sendo elas: aldeia Meruri, município de General Carneiro, com 600 pessoas, aldeia Garças, município de General Carneiro, com 20 pessoas; aldeia Jarudori, município de Poxoréu, com 40 pessoas; aldeia *Tadarimana*, com 442 pessoas; aldeia Praião com 30 pessoas; aldeia *Jerigi*, com 15 pessoas; aldeia *Pobojari*, com 10 pessoas; aldeia *Pobore*, com 50 pessoas, todo o município de Rondonópolis, aldeia Córrego Grande, município de Santo Antônio de Leverger, com 450 pessoas; aldeia *Piebaga*, com 60 pessoas; município de Santo Antônio de Leverger e aldeia *Perigara*, município de Barão de Melgaço, com 100 pessoas.

A aldeia Córrego Grande-Gomes Carneiro, na qual foi realizada esta pesquisa, está situado na margem direita do rio São Lourenço, localizada no município de Santo Antônio de Leverger – Mato Grosso.

Em 1980 surgiu a escola em nossa comunidade, alfabetizando todas as crianças de nossa aldeia. Ela foi construída pelos próprios indígenas, com o apoio da nossa comunidade. A primeira professora que veio na aldeia a lecionar foi a Irmã Maria Ossemer da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Ela desempenhou os seus trabalhos na educação com a nossa comunidade até o ano de 2000. Devido aos longos tempos da jornada dos seus trabalhos na educação como professora, ela conseguiu efetivar a sua aposentadoria pela idade e serviço.

A escola foi construída na aldeia conforme os nossos costumes, com a cobertura ou telhado de palhas de indaiá, as madeiras foram retiradas do nosso território, e feita de pau-a-pique. Na época, a documentação era enviada para a FUNAI de Cuiabá, quando era 5ª Delegacia Regional -5ª DR.

Todos os profissionais que atuam como colaboradores da nossa escola são indígenas Bororo da nossa aldeia e estes conseguiram cursar o Magistério pelo Projeto Tucum, formação de professores. Dando prosseguimento nos seus estudos, estes ingressaram pela primeira vez na Faculdade Indígena Intercultural de Barra de Bugres, conhecido como Terceiro Grau Indígena.

Nós, Bororo, especialmente os nossos anciãos da aldeia Córrego Grande preservamos a língua materna e ofertamos um ensino bilíngue na nossa Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru*.

Os nossos anciãos, quando proclamam os eventos culturais, todos dedicam, neste momento, ao funeral Bororo, nominação e batizado na nossa cultura, iniciação dos rapazes.

Quando matam alguns animais de oferenda como: onça pintada, onça parda, jaguatirica e gavião real, os professores e alunos e toda a comunidade participam desta riquíssima tradição cultural Bororo.

No ano de 1999, chegou na nossa aldeia a energia elétrica, trazendo um pouco de conforto para nossa aldeia e comunidade, como freezer, geladeira, máquina de lavar roupas, ventilador,

Córrego Grande, temos também Posto de Saúde e poço artesiano movido à energia elétrica. Todos os profissionais são indígenas Bororo, nomeados pela nossa comunidade para atender e prestar serviço para o atendimento exclusivo do povo desta localidade. Temos computador, aparelho de inalação, *internet*, luminária, entre outras tecnologias.

Na nossa aldeia, ainda, o Agente Indígena de Saúde (AIS), o Agente Indígena de Saneamento (AISAN) e os auxiliares de Enfermagem, que são todos Bororo desta aldeia.

Muitos de nós vivemos como funcionários, aposentados e pensionistas, contando com o salário do mês para fazer nossa compra e suprir as necessidades das nossas famílias. Também há família que recebe a Bolsa Família do Programa do Governo do Federal. E algumas pessoas ou famílias que não têm o salário, estes têm o seu quintal ou a sua roça para o plantio, ajudando na alimentação da família.

Como todos sabem, a sobrevivência de nós indígenas é baseada, também, na caça e na pesca. O rio São Lourenço passa perto da nossa aldeia, este rio é abundante de peixes, como também a nossa mata e cerrado. Ainda há muitos animais e pássaros em nosso Território Indígena, conhecido e denominado de Terra Indígena Tereza Cristina.

Quando alguém da nossa aldeia faz a sua caça e pesca, geralmente eles sempre têm sorte, aí eles vendem para quem tem a renda mensal na aldeia e nós compramos para ajudar eles também.

A construção das nossas casas é feita por nós indígenas, e são construídas conforme a nossa tradição Bororo. As nossas casas são cobertas de palhas e as paredes são feitas de palhas de bacuri, trançadas pelas mulheres. E assim nós vivemos.

Aqui na nossa aldeia Córrego Grande, denominada também como Posto Indígena Gomes Carneiro, vivem, aproximadamente, 450 pessoas.

A escola e a comunidade enfatizam bastante a língua materna, assim como a cultura tradicional do nosso povo Bororo, assim, mantemos fortemente, o funeral Bororo, batizado e nominação em Bororo, iniciação dos rapazes, a participação de todos nas danças tradicionais proclamadas no período de funeral ou quando matam algum animal de oferenda, como: onça

pintada, onça parda, jaguatirica e gavião real. São realizadas festas tradicionais do nosso povo, momento de alegria, que ainda mantemos vivos e preservados.

Na nossa escola temos professores que lecionam somente na língua materna, ensinando e preservando a língua tradicional do nosso povo Bororo para não ficar no esquecimento das crianças e dos jovens. O número de falantes na nossa aldeia é grande, todos falam e expressam bem na língua Bororo.

Os alunos da nossa escola escrevem bilhetes e cartas em língua materna e temos alguns livros e cartilhas elaboradas na língua Bororo. Foram elaborados: *Boe Enogiegidae Barege Eie* (Os nomes dos animais), *Kejewuge Eno Bapera* (Cartilha elaboradas pelos alunos do projeto Tucum), Pequeno Dicionário Bororo Português/Pequeno, Dicionário Português Bororo; Enciclopédia Bororo Volume: I, II, III; História Mítica Bororo Volume: I, II; Os Bororo na História do Centro-Oeste Brasileiro- 1716 -1986 e *Boe Ero Mariguduwu*.

Esses foram os trabalhos que já foram escritos na língua materna Bororo, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê.

1.1 Organização Social

Bordignon (1987) afirma que o povo Bororo é um dos mais conhecidos do mundo. A aldeia Bororo original é de forma circular. É fundamental para a organização social da etnia. É uma estrutura de igualdade e de complementariedade. O autor explica essa organização da seguinte forma:

As casas estão dispostas em círculos, na mesma distância entre si e na mesma distância da casa grande central, chamada *Bai mana Kejevu*. Ao redor delas, há o *bororo*, denominado pátio das cerimônias e danças. A casa grande e o pátio são o centro da vida cultural dos índios.

Bordignon (1987), também, destaca que os moradores da aldeia são divididos em duas metades: os *Ecerae*, ao norte e os *Tugarege*, ao Sul. Cada metade compreende quatro clãs e cada clã, vários subclãs. Cada um tem seu lugar marcado, suas obrigações nas cerimônias, seus adornos, seus nomes e seus cantos. Os moradores de uma metade só podem casar com os da outra metade. Os funerais de um finado são feitos pelos membros da outra metade. Assim, cada metade é sempre devedora e credora da outra. Existem vários atos comunitários realizados, muitas vezes, em forma de competição entre uma metade e a outra. A sociedade Bororo é matrilinear, isso significa que a mulher é a chefe de família e transmite seu nome para seus filhos. Sendo assim, os filhos pertencem ao seu subclã.

Ainda de acordo com Bordignon (1987), os homens passam a maior parte do tempo na casa grande, sendo que os solteiros púberes moram nela. As mulheres são admitidas nela só para acompanhar contos de certas cerimônias. Em cada clã, os anciões gozam de grande estima e, juntos, formam uma espécie de conselho executivo da aldeia.

Conforme o autor, os Bororo só deixam herança moral, não lega bens patrimoniais que favoreçam classes sociais. Quando morrem, seus pertences são queimados ou colocados na cesta que abriga os ossos do defunto.

CAPÍTULO II – O FUNERAL BORORO: CANTOS E DANÇAS

A cerimônia mais rica dos Bororo é o funeral. Os ritos fúnebres iniciam-se com a morte, às vezes, com a agonia de um indivíduo e terminam com a sepultura definitiva de seus ossos devidamente ornamentados numa lagoa. Pode durar um mês ou até três, pois é necessário esperar a decomposição do corpo para que se possa fazer a ornamentação dos ossos. O defunto, no primeiro enterro, é colocado numa cova rasa no *bororo*. (Pátio da aldeia)

Diariamente a cova é regada para acelerar o processo de decomposição. Durante esse período, inúmeros rituais são realizados, tais como: danças, caçadas, refeições, representações de espíritos, abluções (lavagem do corpo), escarificações e incineração dos pertences do finado.

O funeral mobiliza toda a sociedade Bororo, moradores da aldeia onde se realiza o ritual e demais pessoas de outras aldeias vêm para participarem da cerimônia. Toda a comunidade participa do funeral: os mortos heróis dos passados, espíritos e elementos das naturezas são evocados pelos seus parentes apenas os homens podem evocar os mortos.

Geralmente depois de uma semana após a morte, começam os rituais das danças. O início se dá com a dança do *Mano* que é realizada nos finais de semana, sempre à tarde.

Um ancião do clã *Aroroedu* (as larvas), faz o seu pronunciamento comunicando a todos da aldeia que, no dia seguinte, os Bororo vão se empenhar e se dedicar à dança do *mano*.

Logo em seguida, o ancião solicita dois rapazes para retirar o talo do junco do brejo, conhecido também como caeté e que nós, Bororo, denominamos *Mano*. Os dois rapazes vão bem cedo, às cinco e meia da manhã, para o local onde se encontra o *Mano*¹ para pegar esta planta, uma quantia de aproximadamente setenta ou oitenta talos da planta. Estas duas pessoas são responsáveis para cortar o talo do *Mano* em pedaços iguais de trinta centímetros, no *baito* (casa central). Em seguida, juntam esses talos cortados em formato de pequeno cilindro que depois é enfeitado com penas de araras amarelas e araras vermelhas. Depois de tudo pronto, os homens, mulheres e os jovens se pintam com várias pinturas que pertencem os seus clãs como: *Tugarege* e *Ečerae*.

¹ O *Mano* é um vegetal subterrâneo e aquático, porque sua raiz está no solo e ela só vive na água (lagoa). Faz parte do nosso mundo religioso e espiritual, faz parte também do mundo dos Aroe (almas, pessoas falecidas). Ele tem pequenas flores de cor roxa. Para o povo Bororo não tem fruto, suas folhas tem a forma de uma ponta de lança. Seu caule é subterrâneo, clorofila-se e se desenvolve sob a terra na posição vertical ou inclinada.

No período da tarde, os dois rapazes retiram o *Mano* do *baito* e coloca no pátio da aldeia. Logo em seguida, eles pegam nas mãos de dois anciãos para dar início à dança com o *mano*. Terminando este momento, os rapazes e moças dançam com o *Mano* carregando-o na nuca em volta do defunto enterrado no pátio da aldeia que fica em frente ao *baito*. Neste momento, todos participam, homens, mulheres, professores e alunos que se dedicam coletivamente com muito respeito ao falecido. Ao terminar esta dança, todas as mulheres e crianças vão se esconder dentro de suas próprias casas, fechando as portas.

Somente os homens ficam no pátio da aldeia, as mulheres mandam bolo de mandioca, bolo de arroz, suco de frutas silvestres, chicha de bacuri para os homens, mas quem traz para eles no bororo, geralmente, são os maridos das mulheres.

Ao terminar este momento de refeição dos homens, os *Aroe* (as almas), fazem o comunicado para as mulheres através de uma flauta que denominamos *Ika*, que é assoprada para todos ouvirem, aí os homens gritam todos juntos bem fortes. Em seguida, todas as mulheres saem de suas casas e volta tudo ao normal, assim é realizado o evento cultural do *Mano*.

Passando-se uma semana, começa o ritual da dança do *Toro*. O ancião, o chefe conhecedor da cultura tradicional da sociedade Bororo. Comunica a todos da aldeia, dando o incentivo e aconselhando mostrando como um bom Bororo deve comportar dentro de uma sociedade nas realizações de cada dança, porque essas danças são realizadas com muito respeito. No período da tarde, às dezessete horas, adultos e rapazes se reúnem no pátio da aldeia, em frente do *baito*. Logo em seguida, um rapaz, esta pessoa independentemente de qualquer clã, põe a sua mão sobre a cabeça de um ancião, pertencente ao clã *Kie* (as antas) e, assim, o ancião faz o seu anúncio para todos os homens e rapazes da aldeia, na língua bororo, comunica a todos que na manhã seguinte no período vespertino rapazes e jovens precisam utilizar as suas pinturas corporais e pinturas faciais para fazer uma boa dança, não precisa ter vergonha de errar porque ninguém vai zombar, pois é momento de tristeza. Ao terminar este comunicado, um rapaz busca na casa do chefe, ancião da cultura Bororo o chocalho ou maracá para executar o canto do *Toro*. A duração deste canto é de aproximadamente uma hora e meia, e homens e mulheres participam deste momento, geralmente, realizado no início da noite. Todos cantam acompanhando o ancião, na língua materna.

No dia seguinte, no período matutino, os homens e jovens vão ao bunitizal para tirar o broto de buriti para confeccionar a tanga. Ao chegar à aldeia, eles fazem a preparação do broto. No período da tarde, terminada a tanga do *Toro*, os homens vão às suas casas para se enfeitar com várias pinturas ornamentais do clã a que eles pertencem. Ao terminarem suas

pinturas, eles vão para o *baito*, chamando seus companheiros para todos dançarem. Nesta dança tem a participação das mulheres e moças, e é preciso muito cuidado para não errar no período todo da dança, cada dançarino vai dançar um por vez, até terminar todos os participantes.

Figura 1 – Jovens indo tirar Buriti



Fonte: Sônia Bororo, 2015

2.1 Canto do *Mano*

Mano okwaia

Atugoio mano okwaia

Enawuio mano okwaia

Uruguio mano okwaia

Akirio mano okwaia

Oiagaio mano okwaia

Ika remoduiu mano okwaia

Ika koguio rewu mano okwaia

Aro paraduiu mano okwaia

Oto butorerewu mano okwaia

Mano okwa arowe

Mano okwa okoge

Mano okwa čibaie
Mano okwa bataroe
Mano okwa ikuie
Mano okwa merire
Mano okwa buturoe
Mano okwa ipare
Mano okwa oiare
Mano okwa arowe
Mano atugoio okwa arowe
Mano enawuio okwa arowe
Mano uruguio okwa arowe
Mano akirio okwa arowe
Mano oiagaio okwa arowe
Mano kigaduio okwa arowe
Mano čireruio okwa arowe
Mano ika koguiorewu okwa arowe
Mano aru paraduio okwa arowe
Mano oto butorerewu okwa arowe

Arowe čemano
Okoge čemano
Čibaie čemano
Bataroe čemano
Ikuie čemano
Buturoe čemano
Atugoio čemano
Enawuio čemano
Akirio čemano
Oiagaio čemano
Ukigaio čemano
Iku remoduio čemano
Čireruio čemano
Kigaduio čemano
Ika koguiorewu čemano

Aru paraduio čemano

Oto butorerewu čemano

Arowe ewu jetuia mano

Bure ro ka bure

Ro ka oie

Okoge ewu jetuia mano

Bure ro ka bure

Ro ka oie

Čibaie ewu jetuia mano

Bure ro ka bure

Ro ka oie

Oiare, oiare, oiare, arowe ewu kuwogorewu oiare, oiare

Oiare, oiare, oiare okoge ewu kuwogorewu oiare, oiare

Oiare, oiare, oiare čibaie ewu kuwogorewu oiare, oiare

Arowe eregodure marido eregodure mano tabo

Arowe eregodure pana bakororo eregodure mano tabo

Arowe eregodure utaboio eregodure mano tabo

Arowe eregodurew buturori eregodure mano tabo

Arowe eregodure jure ruko eregodure mano tabo

Arowe eregodure marido urugureu eregodure mano tabo

Arowe eregodure aturoruiio eregodure mano tabo

Arowe eregodure maragaduio eregodure mano tabo

Arowe eregodure onawuio eregodure mano tabo

Arowe eregodure kurugugoe etumana eregodure mano tabo

Arowe eregodure barubaru eregodure mano tabo

Arowe eregodure oiagawuio eregodure mano tabo

Arowe eregodure okoge eregodure mano tabo

Arowe eregodure čibaie eregodure mano tabo

Ime, ime arowe eregodure marido eregodure mano tabo

Ime, ime arowe eregodure pana bakororo eregodure mano tabo

Ime, ime arowe eregodure utaboio eregodure mano tabo

Ime, Ime arowe eregodure buturori eregodure mano tabo
Ime, ime arowe eregodure jureruko eregodure mano tabo
Ime,ime arowe eregodure marido urugurewu eregodure mano tabo
Ime, ime arowe eregodure aturoruio eregodure mano tabo
Imer, ime arowe eregodure maragaduio eregodure mano tabo
Ime, ime arowe eregodure onawuio eregodure mano tabo
Ime, ime arowe eregodure kurugugoe etumana eregodure mano tabo
Ime, ime arowe eregodure barubaru eregodure mano tabo
Ime,ime arowe eregodure oiagawui eregodure mano tabo
Ime,ime arowe eregodure okoge eregodure mano tabo
Ime, ime arowe eregodure čibaie eregodure mano tabo.

Quem canta o *Mano* são dois anciãos da nossa cultura Bororo. Este canto refere-se aos rapazes e moças que dançam com o *Mano*, representando também os enfeites originais do nosso povo Bororo, associados aos animais do respectivo clã. A beleza dos enfeites Bororo sempre tem um significado importante nos cantos.

Antes de iniciar a dança com o *Mano*, os anciãos executam o canto no pátio da aldeia. O canto dura aproximadamente de quinze à vinte minutos.

Este ritual da dança do *Mano* não é realizado em qualquer momento, ele é executado pelos Bororo no período do funeral, pois é uma dança tradicional dedicada com muito respeito ao falecido que está enterrado no meio do pátio da aldeia e as famílias do falecido que estão de luto, por esta razão são executados com muito devoção e respeito aos familiares do falecido esses cantos e danças destes rituais.

A dança do *Mano* é realizada em volta do túmulo do falecido e, por esta razão, não podemos brincar e nem rir. Todos fazem a sua dança com muito respeito.

Quando vai acontecer o ritual, geralmente, há duas pessoas para buscar e trazer o *mano* na casa central da aldeia (*baito*). Essas duas pessoas cortam, pois é preciso ter uma medida exata, com uma quantia certa para amarrar e depois enfeitar com penas de arara amarelas e vermelhas. Aproximadamente às 15 horas, os homens se juntam na casa central da aldeia (*baito*) para retirar o *Mano* de dentro da casa central e colocar no centro da aldeia.

Essa dança com o *Mano* é realizada de modos diferentes pelos homens, rapazes, mulheres e moças. No primeiro momento da dança do *mano*, somente os homens participam,

utilizando a pana, (pana são três cabaças pequenas emendadas uma na outra) para tocar na realização desta dança.

Figura 2 – Primeiro momento da dança do *Mano*



Fonte: Sônia Bororo, 2015.

Para esse ritual, geralmente, são confeccionados dois *Mano*. São quatro pessoas que dançam, duas delas carregam o *Mano* na nuca, uma conduz a dança e a outra toca o chocalho e a *pana*. Eles dançam ao redor do pátio da aldeia e, somente, o homem que toca o chocalho e a *pana* pode ir na frente da dança, os que carregam o *Mano* seguem atrás.

No segundo momento são três pessoas que dançam no pátio da aldeia, girando no mesmo sentido, com dois *Mano* e um homem tocando chocalho e tocando a *pana*. No segundo momento, entra o quarto homem na dança. É ele quem toca *parira* (flauta) e chocalho, girando ao contrário de quem toca a *pana*. Uma pessoa carregando o *mano* dança atrás de quem toca *pana* e *parira*.

Figura 3 – Segundo momento da dança do *Mano*



Fonte: Sônia Bororo, 2015.

No terceiro momento do ritual, entram as mulheres que pegam o *Mano* dos homens para dançarem. Quem dança com o *Mano* não pode deixá-lo cair no chão, caso isto aconteça, pode causar algo ruim para suas famílias. É importante destacar que essa dança do *Mano* só pode ser realizada no período de funeral.

Figura 4 – Terceiro momento da dança do *Mano*



Fonte: Sônia Bororo, 2015.

Os anciãos sempre dizem que esta planta são de *Aroe* (As almas) e, por esta razão, os Bororo fazem a dança do *Mano* para aquelas pessoas que morreram, para satisfazer as almas delas e para que possam ficar tranquilas em algum lugar dos mortos. Quando um Bororo falece, são proclamadas inúmeras pescarias das almas, o *Aroe*.

Segundo os anciãos e pajés, os que já faleceram sabem e conhecem em que dia é realizada a dança do *Mano*. Por este motivo, as almas dos falecidos se unem e mandam subir no rio muito cardume de peixes para os Bororo comerem e ficarem fartos.

Quando não tem peixes no rio, os Bororo costumam jogar no rio o talo de junco do brejo, também denominado de caeté (o *Mano*) para subir cardume de peixes. Isso facilita e ajuda quando faz a pescaria das almas (*Aroe Ewogu*), geralmente sempre tem sorte com a pesca. Aí os Bororo vêm logo com os seus peixes para a aldeia.

O clã do *Aroroe*, (as larvas) denominado também como *Mano Kurirewu*, é que faz o comunicado para dançar com *Mano*. Realiza-se a dança do *Mano* para alegrar as almas daquelas pessoas que já faleceram há muitos anos. Na nossa tradição indígena, a planta do *Mano* refere-se aos mortos indígenas Bororo. Ela faz parte do nosso mundo religioso e espiritual, faz parte também do mundo dos *Aroe* (as almas), pessoas falecidas.

A dança acontece no período vespertino, com o tempo de duração aproximadamente de uma hora e meia.

2.2 O canto do Toro

Iwadarugodure iedagamage Baadojebage čebegiwuge tagae toro taedure toro um...

Iedaga mage pawo aroe erududo pawo aroedo tugera tuwure to motoji toro tabo tumeduia joki eee...

Iedaga mage aredu mage imuga mage noidoia toru iworu noidoia bere tadari oko oče jire taganagodure eee...

(Feita essa proclamação, vão buscar Kibakororo levando um broto de buriti. Voltando para o ocidente, segurando o broto canta)

Ii... inowu arowe tuieduia bakororo pijina mato eee...

Bakororo eee...

(Voltando para o oriente)

Ii... inowu arowe tuieduia itubore pijina ,mato eee...

Itubore eee...

(Outra vez voltando para o ocidente canta)

Ii... inowu arowe tuieduia

Atugoio uruguio akirio oiagaio

Ukigaio Bakororo pijina mato kurio čedoworo ai čoio

Akaru kaie eee...

(Ainda segurando o broto de babaçu canta)

Očemaga Bakororo Ekureudo očemaga Bakororo Ekureudo Owoio Ekureudo akirade aiagu owoio akirade aiagu kurio čedoworo ai čoio akaru tugu čei eee...

Očemaga Jure Ekureudo Očemaga Jure Ekureudo Kaia Ekureudo akirade aiagu Kaia Ekureudo akirade aiagu kurio čedoworo ai čoio akaru tugu čei eee...

Očemaga Okoge Ekureudo očemaga Okoge Ekureudo očemaga Čibai Ekureudo akirade aiagu Čibae Ekureudo kurio čedoworo ai čoio akaru tugu čei eee...

Očemaga Tubore Ekureudo očemaga Boro Ekureudo akirade aiagu Boro Ekureudo akirade aiagu kurio čedoworo ai čoio akaru tugu čei eee...

Očemaga Kaidaga Ekureudo očemaga kaidaga Ekureudo očemaga Meriri Ekureudo akirade aiagu Meriri Ekureudo akirade aiagu kurio čedoworo ai čoio akaru tugu čei eee...

Očemaga Ikuie Ekureudo očemaga Ikuie Ekureudo očemaga Tubore Ekureudo akirade aiagu Tubore Ekureudo akirade aiagu kurio čedoworo ai čoio akaru tugu čei eee...

Očemaga Jakomea Ekureudo očemaga Jakomea Ekureudo očemaga Buture Ekureudo akirade aiagu Buturr Ekureudo akirade aiagu kurio čedoworo ai čoio akaru tugu čei eee...

Očemaga Tamigi Ekureudo očemaga Tamigi Ekureudo očemaga Kudugi Ekureudo akirade Kudugi Ekureudo akirade aiagu kurio čedoworo ai čoiu akaru tugu čei eee...

(Executa esse canto o ki bakororo com o pariko (cocar) na cabeça)

Uwo uwo oče ia uwaroia čedoworo ai čoiu uwo, uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu uro pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo,uwo oče ia uwaroiareu nonogo pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo,uwo oče ia uwaroiareu kidoguru pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo,uwo oče ia uwaroiareu Kuje ewo pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu parigogo ewo pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu maragatao ewo pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu korao ewo pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu kuritaga ewo pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu kuno ewo pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu manopa ewo pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu čurui ewo pego irarewu kaie uwo,uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu ore ewo pego irarewu kaie uwo, uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu monoko ewo pego irarewu kaie uwo, uwo eee...

Uwo, uwo oče ia uwaroiareu tano ewo pego irarewu kaia uwo, uwo eee..

Ime, ime turegoduiagu uro pegoreu kaie

Ime, ime turegoduiagu nonogo pegoreu kaie

Ime, ime turegoduiagu kidoguru pegoreu kaie

Ime, ime turegoduiagu čibaiu etoiaga irarewu kaie

Ime,ime turegoduiagu kuide etoiaga irarewu kaie

Ime, ime turegoduiagu kudoro etoiaga irarewu kaie

Ime, ime turegoduiagu kuje ewo pego irarewu kaie

Ime, ime turegoduiagu parigogo ewo pego irarewu kaie

Ime, ime turegoduiagu maragatao ewo pego irarewu kaie

Ime, ime turegoduiagu korao ewo pego irarewu kaie

Ime, ime turegoduiagu kuritaga ewo pego irarewu kaie

Ime, ime turegoduiagu kuno ewo pego irarewu kaie

Ime, ime turegoduiagu manpa ewo pego irarewu kaie

Ime, ime turegoduiagu čurui ewo pego irarewu kaie

Ime, ime turegoduiagu ore ewo pego irarewu kaie
Ime, ime turegoduiagu monoko ewo pego irarewu kaie
Ime, ime turegoduiagu tano ewo pego irarewu kaie

Roi woe woe ime ime turegoduiagu uro pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu nonogo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu kidoguru pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu čibaiu ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu kuide ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime im,e turegoduiagu kuje ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu parigogo ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu maragatao ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu korao ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu kuritaga ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu kuno ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu manopa ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu čurui ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu ore ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu monoko ewo pegoreu kaie
Roi woe woe ime ime turegoduiagu tano ewo pegoreu kaie.

2.3 A dança do Toro

Toro é a designação genérica de tangas, de comprimento variável, feitas com broto de buriti. Os folíolos são amarrados um por um ao longo de um cordel de vários metros de comprimento que, depois, se enrola em volta da cintura.

Figura 5 – O uso das tangas *Toro*



Fonte: Sônia Bororo, 2015.

É de uso exclusivamente masculino, e pertence ao subclã dos *Kie*, mas pode ser usado por todos. A representação é privativa do subclã dos *Kie* que convida um número indeterminado de homens, mulheres e crianças de qualquer subclã. Cada representante homem enverga um *Toro* (tanga de broto de buriti), que o reveste da cabeça aos pés. Na sumidade da mesma cingem um *pariko*, grande diadema de penas de araras e, enfiados nos cabelos, assoma um *kiga*, prego de penas. A demonstração é chefiada por um *Kiedo*. *Kiedo Čobugiwu* é subclã que mora ou fica no lado do Nascente ou Leste. *Kiedo Čebegiwu* é subclã que mora ou fica no lado do Poente ou Oeste. Ambos usam o *Toro*, não sobre a cabeça como os outros, mas nos ombros, com uma capa fechada por todos os lados. Na cabeça colocam um *pariko*, na forma usual.

O primeiro empunha um *baporogu*, pequeno maracá; o segundo carrega um *ka*, tambor. É a segunda representação em ordem de tempo do ciclo fúnebre.

Todos os atores preparam-se no *aije muga*, pátio do zunidor, a vários metros da aldeia, em passo de dança, emitindo a cada intervalo o grito: “é é, é; e,e,e”

Chegando perto do túmulo provisório, param a fim de descansarem um pouco. Depois, com o passo cada vez mais acelerado, rodeiam algumas vezes a sepultura, repetindo os gritos, até pararem novamente. Nesta altura, o *Kiedo Čobugiwu* vai à cabeceira do defunto e lá toca uma pana, instrumento musical de sopro, previamente colocado no lugar, enquanto os outros, com passo de dança, dão nova volta ao redor da sepultura, emitindo o grito anterior.

Ao terminar, o tocador retira-se e todos os outros repetem um por vez a mesma cena. Cada um depois de ter tocado, retira-se também, enquanto os outros dançam até haver dançarinos. Ato contínuo dispõe-se aos lados da sepultura provisória em duas filas, cada uma chefiada por um dos chefes, os quais se colocam perto da cabeceira do defunto.

O chefe do lado direito do morto entoia um canto, enquanto os da sua fileira acompanha e saltitam sem sair do lugar. Depois os do lado oposto repetem a cerimônia executando outro canto com o qual termina a representação. Durante todo o rito, as mulheres estão perto dos homens do próprio clã, abanando-os na dança.

Figura 6 – Mulheres abanando os homens durante a dança do *Toro*



Fonte: Sônia Bororo, 2015

Quando vai acontecer a dança do *Toro*, um ancião comunica todos os rapazes da aldeia para buscarem o broto de buriti para fazer a confecção de tangas para os rapazes dançarem. Os homens e as mulheres cantam ao escurecer, antes de buscar o broto. Devido à cantoria, todos ficam sabendo que no dia seguinte pode acontecer este evento.

Por este motivo, todos dispensam os seus afazeres para se empenharem e se dedicarem ao fortalecimento cultural do nosso povo Bororo.

2.3 Com a palavra os anciões...

A seguir, apresentamos o depoimento do ancião José Américo Rubugu, 80 anos de idade, sobre a dança do *Toro*.

Antigamente aqui muita coisa é feito na cultura do nosso povo Bororo. No funeral há várias danças diferentes uns dos outros, mas não são realizadas em qualquer momento. Os Bororo se reúnem para decidir o que eles vão fazer, se vão dançar, caçar ou pescar. Os Bororo se observam para fazer o certo para não errarem. O ancião da cultura faz o pronunciamento para a comunidade incentivando como deve ser o comportamento. Quando comunica o pronunciamento todos prestam atenção. Quem sabe, canta, chora, faz enfeites, conta lenda, história, e tem seus enfeites originais. O chefe da cultura dá conselho, ensina e tem dó. Antigamente havia várias aldeias Bororo, mas todos faleceram, por isso nós estamos aqui no lugar deles. O responsável pelo falecido, ancião da cultura estes incentivam o povo o que deve ser feito. Assim os rapazes se juntam unindo uns com outros, dando apoio e colaboração. Quando fazem algum evento cultural, os homens, as mulheres se juntam para cantar e dançar. O responsável pelo falecido, os Bororo têm um grande respeito com aquela pessoa. Os homens caçam na floresta e pesca no rio. As mulheres procuram batata do mato frutas silvestres, elas preparam e fazem. Nós não sabemos quando nós vamos morrer. Quando nós, Bororo, morremos é uma duração de aproximadamente três meses Neste período, são realizadas várias danças culturais. Neste momento os Bororo se pintam com o urucum e resina, utilizam seus enfeites. Os Bororo enfeitam seus filhos para dançarem. Assim os Bororo fazem. Os Bororo dançando com o toro. O rapaz põe a sua mão sobre a cabeça de responsável do toro à tarde. O anúncio é feito pelo o clã do kie par buscar o toro. Os rapazes vão ao buritizal. Para trazer o broto de buriti para a aldeia. Quando eles chegam na aldeia eles cantam. Os rapazes fazem a sua tanga com o broto de buriti. Terminada a tanga, eles vão a sua casa para se pintar. Ao entardecer os rapazes se junta na casa-central da aldeia. Eles no pátio do zunidor para amarrar a sua tanga de broto de buriti. O pátio do zunidor fica fora da aldeia. Os rapazes vão ao pátio a aldeia, para dançarem. Rapazes, moças dançam no pátio da aldeia. O ancião da cultura faz os rapazes dançarem Todos os rapazes dançam. Todos dançam aí que termina. As mulheres e moças vão na sua casa para se abrigarem. As mulheres mandam beiju, chicha, frutas para os homens, mas as mulheres não participam.

“Marigudu woere boe ero, boe ego jeture kurire woe.Boe jerimaga, boe itaga keje, boe ereru padu makare pumekeje, tawujedu paga,paga kare.Boere tudo pui inuba turomode, tureruwo, tumeruwo, tuwoguwo.Boe etaiwore pui turoiwawo, tugodu pemegawo.Čodugodureu uwadodure okituware ure tudugarege eroiwado ekodu iwado, ekodu jetorodoBoe ewadodu keje, boe ewiapagare.Jorudu iwareu, urare,oragudure, imorore, makore roiaji, makore bakaruji, oroere jorudu iware.Boe Eimejera okituare, boe eroiwado, okudure.Marigudu Boe eda makare, mare boe etagedure, kodire paedure aino boe ekoda keje.Aroere emawu, čodugodureu emage eigoiare ere boe emearudae maku etai, inuba turomode.Ainonore ičare ipare eiore pugeje ere tugera bararedo pui, ia turore jiboeji.Boere ia tuwadae tawuje dukeje ime, areme ere tudo pui turawo, tureruwo.Boe epogurure aroe uiaduče, boe epagudure turowo ia turo.Ime ererure, ewogure, iturato, poboto.Aroe etujemage etaiwore moto tadaboe bogai, tudureboe bogai, kurodureboe bogai, ainore erore.Paerudiwakare kaba meri kejeba pawu mode pawoga mode.Boe pawu keje arire pobe metuia bokware.Nowu inodu otoi Boe ereru padu makare pume keje, Boe parore jiboe.Nowu inodu keje, Boe ekujagure, ere toroe tugu pudui, ere tuiejerado.Boe ere tore epemegado ereruwo.Ainore Boe erore.Boe ereru toro tabodu.Boere tugera bu toro uwagedu ao keje, meri rekodu tabo.Toro uwagedure uwadodure boe etuwo toro kae. Ipare eture marido guru kae.Tuwo marido oro reko baato.Etaregodure baato du keje eragodure.Iparere to toro towuje, marido oro tabo.Ere toro iado eture baato tuwo tugujagudo.Meri rekodu tabo iparere tudo pui, baitada.Eture aiye muga kae, tuwo toro kogudo pudabo.Aiye muga mugure bakujei.Ipare eture baato Bororokae, tureruwo.Ipare, nogware ererure Bororoji.Boe Eimejera ure ipare ererudo..Ipare eiamedu boe ererure.Eiamedu boe ererure, ainono akedure.A|reme eture tuwai kae, tuwo tuwiado.Aroe eke buture baa oiado mare areme erudu kare, etaiwo kare.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolhi este tema para o meu trabalho como TCC, *Mano e Toro*: danças tradicionais do povo *Bororo*”, porque para mim indígena é de grande importância para o meu povo, da Terra Indígena Terra Indígena Tereza Cristina - Aldeia Córrego Grande – PIN. Gomes Carneiro. Com este trabalho, conheci e integrei o meu conhecimento ao trabalho que mostra e registra as duas danças tradicionais: *Mano* e *Toro*, pois as novas gerações necessitam conhecer, compreender, valorizar e precisam saber como é de suma importância para a nação Bororo, no período do funeral.

É fundamental que as danças e os seus significados sejam trabalhados em sala de aula com os alunos, para motivar e praticar essas danças, mostrar aos nossos jovens esse aspecto cultural que faz parte da identidade étnica Bororo. Nesse sentido, o papel da escola é extremamente essencial na elaboração de materiais didáticos bilíngues ilustrados para guardar as histórias do passado.

Registrei aqui estes costumes tradicionais do nosso povo Bororo para não ficar no esquecimento, sempre focar com o olhar nestas riquíssimas culturas das danças tradicionais. Somente assim estaremos preservando estes costumes que irão fortalecer os nossos saberes tradicionais entre nossos jovens.

A nossa participação nesses rituais é muito importante, assim todos acompanham e aprendem como são executadas as danças que são realizadas como: o *Mano* e o *Toro*.

No mundo espiritual da sociedade Bororo, segundo os anciãos conhecedores das cultura e tradições do nosso povo, o Bororo não morre, passa de fase para outra vida. Quando falece alguém do nosso povo, estão partindo para outro mundo, porém são proclamadas várias danças referentes ao período do funeral, para satisfazer as almas daqueles que partiram para outro mundo. Reforço aqui para entender melhor, a dança do *Mano*, sempre dá o início de todas as danças à segunda dança é o *Toro*. Por esta razão, foram priorizadas as duas danças como: *Mano e Toro*” para o meu Trabalho de Conclusão do Curso. As crianças participam olhando e observando os adultos fazerem as danças dos rituais, a cada momento tem várias estrofes e cada uma delas tem um ritmo diferente. A grande diferença é o momento de dança mais lenta e o mais rápido. Para os nossos jovens, isso facilita e, com certeza, estão adquirindo conhecimento prático e passam a ter domínio sobre o que é ensinado pelos adultos.

Essas danças tradicionais são importantes para que os conhecimentos não se percam e, também, para ficar disponível às futuras gerações do nosso povo, é uma garantia de nossa existência enquanto etnia Boe-Bororo.

Todas as danças tradicionais de nosso povo são realizadas e proclamadas pelos nossos anciãos no período de funeral. A etnia Boe-Bororo tem os seus cantos e as suas danças, e para quem não conhece a tradição do Boe-Bororo, acha que é um momento de alegria. Ao contrário, é um momento de tristeza e respeito.

REFERÊNCIAS

ALBISETTI, Cezar. VENTURELLI, Ângelo Jaime. Enciclopédia Bororo, v. III. Campo Grande-MS: Museu Dom Bosco, 1962 – 2009.

BORDIGNON, Mário. Os Bororos na história do Centro-oeste brasileiro 1716- 1986.

Pequeno Dicionário Bororo – Português. Campo Grande, MS: UCDB, 1997.

Um ritual Bororo e uma experiência didática pedagógica Mano. Campo Grande, MS: UCDB. 1995.

CONSULTOR NATIVO

BURUDUI, Joaquim Batista.

RUBUGU, José Américo.

ANEXO

ANEXO A – ENTREVISTA COM O ANCIÃO

Ancião: Kuredoge, Kuredogedureuge.

José Américo Rubugu, (80) anos de idade entrevistado de toro.

1 - Marigudu woere boe ero, boe ego jeture kurire woe.

1- Antigamente aqui muita coisa é feito na cultura do nosso povo Bororo.

2- Boe jerimaga, boe itaga keje, boe ereru padu makare pumekeje, tawujedu paga,paga kare.

2-No funeral há várias danças diferentes uns dos outros, mas não são realizadas em qualquer momento.

3- Boere tudo pui inuba turomode, tureruwo, tumeruwo, tuwoguwo.

3-Os Bororo se reúnem para decidir o que eles vão fazer, se vão dançar, caçar ou pescar.

4- Boe etaiwore pui turoiwawo, tugodu pemegawo.

4- Os Bororo se observam para fazer o certo para não errarem.

5- Čodugodureu uwadodure okituware ure tudugarege eroiwado ekodu iwado, ekodu jetorodo

5-O ancião da cultura faz o pronunciamento para a comunidade incentivando como deve ser o comportamento.

6- Boe ewadodu keje, boe ewiapagare.

6-Quando comunica o pronunciamento todos prestam atenção.

7-Jorudu iwareu, urare,oragudure, imorore, makore roiaji, makore bakaruji, oroere jorudu iware.

7-Quem sabe, canta, chora, faz enfeites, conta lenda, história, e tem seus enfeites originais.

8-Boe Eimejera okituare, boe eroiwado, okudure.

8-O chefe da cultura da conselho, ensina e tem dó.

9-Marigudu Boe eda makare, mare boe etagedure, kodire paedure aino boe ekoda keje.

9-Antigamente havia várias aldeias Bororo, mas todos faleceram, por isso nós estamos aqui no lugar deles.

10-Aroere emawu, čodugodureu emage eigoiare ere boe emearudae maku etai, inuba turomode.

10-O responsável pelo falecido, ancião da cultura estes incentivam o povo o que deve ser feito.

11-Ainonore ičare ipare eiore pugeje ere tugera bararedo pui, ia turore jiboeji.

11-Assim os rapazes se juntam unindo uns com outros, dando apoio e colaboração.

12-Boere ia tuwadae tawuje dukeje ime, areme ere tudo pui turawo, tureruwo.

12-Quando fazem algum evento cultural, os homens, as mulheres se juntam para cantar e dançar.

13-Boe epogurure aroe uiaduče, boe epagudure turowo ia turo.

13-O responsável pelo falecido, os Bororo tem um grande respeito com aquela pessoa.

14-Ime ererure, ewogure, iturato, poboto.

14-Os homens caçam na floresta e pesca no rio.

15-Aroe etujemage etaiwore moto tadaboe bogai, tudureboe bogai, kurodureboe bogai, ainore erore.

15-As mulhers procuram batata do mato frutas silvestres, elas preparam e fazem.

16-Paerudiwakare kaba meri kejeba pawi mode pawoga mode.

16-Nós não sabemos quando nós vamos morrer.

17-Boe pawi keje arire pobe metuia bokware.

17-Quando nós Bororo morremos é uma duração de aproximadamente três meses

18-Nowu inodu otoi Boe ereru padu makare pume keje, Boe parore jiboe.

18- Neste período, são realizadas várias danças culturais.

19-Nowu inodu keje, Boe ekujagure, ere toroe tugu pudui, ere tuiejerado.

19-Neste momento os Bororo se pintam com o urucum e resina, utilizam seus enfeites.

20- Boe ere tore epemegado ereruwo.

20-Os Bororo enfeitam seus filhos para dançarem.

21-Ainore Boe erore.

21- Assim os Bororo fazem.

22-Boe ereru toro tabodu.

22-Os Bororo dançando com o toro.

23-Boere tugera bu toro uwagedu ao keje, meri rekodu tabo.

23-O rapaz põe a sua mão sobre a cabeça de responsável do toro à tarde.

24-Toro uwagedure uwadodure boe etuwo toro kae.

24-O anúncio é feito pelo o clã do kie par buscar o toro.

25- Ipare eture marido guru kae.

25-Os rapazes vão ao bunitizal.

26- *Tuwo marido oro reko baato.*

26'-Para trazer o broto de buriti para a aldeia.

27-*Etaregodure baato du keje eragodure.*

27-Quando eles chegam na aldeia eles cantam.

28-*Iparere to toro towuje, marido oro tabo.*

28-Os rapazes fazem a sua tanga com obroto de buriti.

29-*Ere toro iado eture baato tuwo tugujagudo.*

29-Terminado atanga, eles vão á sua casa para se pintar.

30-*Meri rekodu tabo iparere tudo pui, baitada.*

30-Ao entardecer os rapazes se junta na casa-central da aldeia.

31-*Eture aiye muga kae, tuwo toro kogudo pudabo.*

31-Eles no pátio do zunidor para amarrar a sua tango de broto de buriti.

32-*Aiye muga mugure bakujei.*

32- O pátio do zunidor fica fora da aldeia.

33- *Ipare eture baato Bororokae, tureruwo.*

33-Os rapazes vão ao pátio a aldeia, para dançarem.

34-*Ipare, nogware ererure Bororoji.*

34-Rapazes, moças dançam no pátio da aldeia.

35-*Boe Eimejera ure ipare ererudo.*

35-O ancião da cultura faz os rapazes dançarem.

36-*Ipare eiamedu boe ererure.*

36-Todos os rapazes dançam.

37-*Eiamedu boe ererure, ainono akedure.*

37-Todos dançam, aí que termina.

38-*A|reme eture tuwai kae, tuwo tuwiado.*

38-As mulheres e moças vão na sua casa para se escoderem.

39-*Aroe eke buture baa oiado mare areme erudu kare, etaiwo kare.*

39- As mulheres mandam beiju, chicha, frutas para os homens, mas as mulheres não participam.